

Em Demanda de Bertolameu, Frei Rei de Portugal

Um conto de Fernando Évora

Venho de terra longínqua, senhor. De uma terra que fica do outro lado do mundo. De tão longe que quando aqui a noite se fecha no mais escuro breu, lá brilha o mais alto sol. E posso supor que quando aqui cai a mais temível das águas, lá impera a mais longa das secas. E não creio que chegue uma vida, mesmo que essa vida dure até à mais ida das velhices, para fazer a viagem da minha terra para esta e tornar desta para a minha terra.

E todavia, senhor, parece aquela terra ser filha desta, que sítios tão ermos quanto os nossos são difíceis de imaginar. É uma terra bem no meio dos montes e das árvores. Abraçada por uma serra imensa que esconde nas suas entranhas bichos ferozes e perigos misteriosos. Por uma floresta de onde se soltam à noite uivos e guinchos e gemidos que aterrorizam os nossos sonos. Uma imensa floresta que nos cerca e nos alimenta, fazendo de minha aldeia uma ilha cercada pelo medo e pela beleza. Uma ilha apenas raramente visitada por almocreves que viajam juntos para fugir às alcateias, quadrilhas e demais perigos que assolam a serra.

Da minha terra temia-se sair, a não ser o Padre Inofre que viajava anualmente a Silves para acertar contas e dar conhecimento da justiça e dos nascimentos e das mortes a seu primo, Dom Vasco Cogominho, o verdadeiro senhor dos casais daquelas terras. Mas então era Inofre escoltado por homens de Dom Vasco. O mesmo não acontecia quando anualmente um grupo de corajosos vizinhos se aventava para a feira de Silves, e era raro que em tal viagem não acabassem assaltados, à ida com o que levavam para trocar, à vinda com as grandes novidades de terras distantes que começavam a aportar àquelas paragens. E muitas das vezes os bandidos que se escondiam na serra não se contentavam com o simples roubo, trespassando a fio de espada os mais corajosos de entre os meus vizinhos. Eu próprio vi a morte próxima em duas das três vezes que fiz essa viagem a Silves. E se vos posso contar agora a minha história foi só porque então meu irmão Bertolameu, armado de uma simples funda como David, a todos nos salvou com sua destreza.

Deram à minha terra o nome de Benafátima. Contava-se em segredo que Ben e Fátima tinham sido os seus primeiros habitantes. Que tinham desbravado aquele vale e afastado a alcateia de lobos que tomava conta da nascente. Que haviam defendido aquelas terras apenas com os seus corpos. Sem ajuda de armas nem de ninguém que não eles, sós no ventre da serra. E tinham conquistado aquele corte de terra generosa. Que todos nós éramos filhos de

Ben e de Fátima, que nos tinham legado o vale para o cuidarmos como nossos avós o tinham cuidado. Que por isso as terras apenas a nós e a mais ninguém deveriam pertencer.

Alguma alma mais ingénua contou esta história do nome de Benafátima ao padre Inofre, logo quando ele veio officiar para a nossa terra. Dom Inofre Coelho vinha de sítio distante que nenhum de nós alguma vez visitara, mas que se dizia ser grandioso e doirado com belas igrejas: veio de Évora, de onde mais tarde viriam Bastião e Navarro e com eles grandes males para Benafátima e para mim e meu irmão. Mas Inofre sobressaltou-se ao escutar tão depravada história de como Benafátima tinha surgido. E convocou-nos para a igreja de taipa e fez-nos crer que era erro o que acreditávamos. Porque se aquela história fosse verdadeira, todos viveríamos em pecado. E Inofre explicou-nos porque se dava àquela terra o nome de Benafátima, como a tinha lido, asseverou-nos, em um livro de Dom Vasco Cogominho, que diz de quem são as terras todas de Portugal. Pois bem, Benafátima havia sido de um antepassado de D. Vasco, escudeiro de el-rei D. Afonso, o terceiro desse nome, que recebera do rei aquelas terras. E que as doara a bons cristãos, e na sua bondade também a mouros que alforriou e judeus, para que a cultivassem e dela tirassem o mel e a cortiça e lhe pagassem como ainda hoje era uso pagar-se a D. Vasco. Mas dois desses lavradores tomaram-se de um casal e esqueceram-se de fazer a sua mercê ao avô de D. Vasco. Esses lavradores eram Ben, judeu manhoso e maldoso que já antes traíra o seu amo mouro e lhe desposara a filha, Fátima, mulher embruxada e lazarenta. E o avô de Dom Vasco, para que a todos servisse de lição, mandou matar e esquartejar Ben e Fátima e espalhar as partes dos corpos pelos limites da Benafátima que doava aos restantes lavradores. Para que servisse de lição e para que as feras os viessem devorar e assim se certificar que os vizinhos não lhe ocupavam mais terra e não se metiam serra adentro, para onde ele um dia poderia vir caçar com seu rei, verdadeiro senhor daquelas florestas. E por isso Benafátima não era mais que a terra marcada pelos restos dos vis Ben e Fátima. Esta era a verdadeira história das terras que cultivávamos, e dessa história deveríamos retirar as nossas lições.

Para melhor a lembrarmos desta vera história e esquecermos a outra, por certo obra do diabo para a todos nos tentar, mandou-nos fazer penitência e construir na igreja um altar a Nossa senhora da Piedade, da qual ele era particularmente devoto. E que se terminasse com o culto que fazíamos a Mãe Fátima por alturas em que os dias são os maiores e as noites as mais curtas. Por isso destruiu-se a pedra do cabeça de Ben, junto da qual se fazia o sacrifício das cabras. Doravante apenas se comemoraria a Nossa Senhora da Piedade e o São João. E no São João continuaria a haver o sacrifício das cabras, mas agora defronte da igreja e devidamente purificadas pelo padre Inofre Coelho. De tal forma que os vizinhos de São

Marcos continuaram a aparecer pelas ditas festas, agora chamadas do São João. E para silenciar os olhares mais preocupados com o fim do culto a Mãe Fátima mandou também que a partir desse momento os mortos fossem sepultados junto da igreja e que se procedesse à transladação dos ossos existentes no cabeço de Ben para o átrio onde agora se fazia o sacrifício das cabras. Mas mesmo com tal precaução, não evitou o padre Inofre que nas pequenas noites de São João os mais velhos cirandassem pelo cabeço de Ben, sítio onde se dizia aparecer o espírito do Frei Vicente.

O Frei Vicente era o nosso pastor antes de Inofre. Homem bom que se afeiçoara à terra e da qual tirava o melhor mel de todos os vizinhos. E conseguia grandes colheitas de vinha, que mais ninguém conseguia, e que com todos nós partilhava. Era o Frei Vicente que coarctava por suas próprias mãos a vida às cabras nas festas da Mãe Fátima. E que queria fazer uma igreja digna de Benafátima no sítio do cabeço de Ben. Não uma qualquer igreja em taipa, mas sim uma bela e digna igreja em pedra, larga e iluminada. Não chegou o Frei Vicente a alcançar o seu querer, pois um ano partiu com escolta para se encontrar com D. Vasco Cogominho e não regressou mais. Benafátima esperou por ele pacientemente. Esperou até mesmo depois de os almocreves vindos de Silves terem avisado que o Frei Vicente nunca ali aportara. Mas ninguém queria acreditar que Vicente tivesse sido atraído pela floresta que ele parecia conhecer melhor do que ninguém. Esperámos resignadamente um longo ano e até um pouco mais. Até que apareceu este Inofre. Que não era como nós foi logo manifesto. Que era homem que zombava dos mistérios e rogos da floresta, que ignorava as nossas festas e escarnecia dos saberes de Jerónima Brites, aquela que curava tudo o que se podia curar com as ervas e espíritos da serra, e depois de sua filha, a esguia Ana Brites, a quem acabou por perseguir. Mas não era de todo um homem mau, e aos poucos o padre Inofre foi-se calando e fingindo não ver os nossos costumes, e nós resignadamente escutávamos os seus conselhos e ordens e não lhe faltávamos com o devido. Até ao dia em que Inofre recebeu ordem numa das suas visitas a Dom Vasco para ir a Évora que tinha morrido sua beata mãe, Dona Simoa de Ataíde. Esperava-o em Évora o legado familiar que lhe coubera em herança de último e mais afastado filho: um escravo de nome Bastião de quem, por sinal, o seu pai era padrinho. Mas tal facto não lhe evitou que fosse useiro e veseiro de maldade para com o seu escravo que morreria desorelhado por o ter traído ao ajudar outro escravo em fuga que na serra se encobrira. Mal aportou a Benafátima com seu escravo negro – apenas na feira de Silves já tínhamos visto escravos negros –, todos percebemos como lhe ficou alterada a sobrançaria. Era um querer do beija-mão onde quer que fosse, uma altivez empertigada, um ror de ordens e recriminações e ameaças para todos nós.

Para que vejas como a minha terra, de igual modo que a tua, se encontrava longe do resto do mundo, posso-te dizer, senhor, que quando nasci fui baptizado de João por ser esse o nome de nosso rei. Só mais tarde, quando nos visitaram os almocreves, ficámos a saber que o rei João, que foi o terceiro com esse nome, já tinha morrido aquando do meu nascimento. E as notícias que nos eram trazidas pelos almocreves já vinham muito recontadas, isto quando não eram inventadas por eles mesmos para se meterem connosco, que éramos vistos como bichos daquele mato. E se aqueles eram tempos em que cada visita dos almocreves trazia novas tão desusadas e espantosas!

Como te disse, eram raros os vizinhos de Benafátima que a deixavam. Pareceria que tínhamos ainda mais medo do resto das terras que estavam para além da floresta. Dir-te-ia, porque também tu és da floresta, que tínhamos medo do que fazer ao encontrar outros homens, ainda mais que dos perigos e mistérios da floresta, pois sentíamo-nos melhor calados do que quando tínhamos que dizer algo. Apenas se contava de dois vizinhos de Benafátima que tinham partido para tomarem a carreira da Índia, e tal foi ainda um pouco antes do meu nascimento. Eram os irmãos Francisco e Domingos de quem se esperava que um dia voltassem, pois tinham prometido trazer riquezas para a nossa terra.

Muitos anos mais tarde um almocreve, que tinha fama de mentiroso, contou-nos que tinha encontrado Domingos para o termo de Odemira. Que era agora um velho barbudo e de longos cabelos brancos. Que Domingos lhe tinha contado dos perigos que passara e das maravilhas que vira: as feras gigantes de duas cabeças, os monstros marinhos onde cavalgavam quatro homens de uma só vez, os ursos com três cornos no focinho, ogres com cabeça de cavalo e que se alimentavam de carne humana, abelhas com línguas de serpente. E mais ainda lhe contou Domingos: que enriquecera mais seu irmão Francisco pelas Índias, onde chegaram a desposar três mulheres cada um e em simultâneo sem que ninguém o impedisse, pois que os cristãos de lá não o acham pecado. E que converteram toda a sua fortuna em pedraria preciosa que os poriam entre os mais ricos senhores de Portugal. E tornaram para Portugal pois queriam fazer grande mercê à sua terra: queriam voltar para Benafátima e construir a grande igreja em pedra e ouro com que o Frei Vicente sonhara um dia, porque se lembravam que tinha sido o Frei Vicente a dar-lhes o único bem com que deixaram Benafátima: um taleigo com seis moedas de prata que muito proveito lhes fizera durante a viagem de ida, pois com elas tinham comprado os serviços de um barbeiro cirurgião que lhes fizera devidamente as sangraduras: sete a seu irmão, nove a si. E, se bem que soubessem o quanto lhes custaria a viagem de regresso, deixaram toda aquela doce vida da Índia – que melhor não se conseguiria imaginar –, e embarcaram no “Nossa Senhora da

Graça”, pois haviam conhecido e privado com o capitão Diogo Lopes de Lima que lhes garantiu que guardaria zelosamente e protegeria toda aquela pedraria como se fora sua. Mas ao regresso e sem que ninguém o previsse levantou-se uma tempestade por alturas do Cabo, que ondas eram tão grandes e tão barulhentas que ninguém pôde fazer nada nem tomar conta da nau por mais valente que fosse. Ele, Domingos, agarrou-se ferozmente a seu irmão Francisco e oraram o mais alto que podiam se bem que não se escutassem um ao outro tal a ira dos mares. E nada mais sabia dizer Domingos desse naufrágio a não ser que foram cuspidos e se agarraram onde puderam e que Deus os salvou só a eles pois acordaram numa praia de areias negras cercada por uma floresta mais densa que a de Benafátima. E meteram-se pela floresta adentro e caíram numa grande rede e foram levados por homens negros mal cheirosos e que em vez de cabelo lhes cresciam penas na cabeça. E foram pendurados de cabeça para baixo em umas árvores que só tinham duas grandes folhas no cimo. E que lhe levaram o irmão Francisco e o cozinharam num grande caldeirão. E ele, Domingos, tudo viu: o irmão no caldeirão, o irmão esquartejado e dividido por entre aqueles homens famintos. E o Deus destes homens era uma enorme cabeça de leão, erguida sobre uma pedra, que eles alimentavam com os bocados do irmão, num grande festim em que bebiam um vinho amarelo. E depois de fartos cortaram uma mão a Domingos – o almocreve sentia repulsa ao lembrar o couto do velho Domingos – e chuparam-lhe os dedos. E depois levaram-no de barco até uma cidade junto do mar e libertaram-no para que ele dissesse a todos como eram bravos e perigosos aqueles negros que nunca mais lá voltassem portugueses ou outros homens brancos. E dessa terra o deixaram numa jangada quando passou um galeão português. E assim voltou Domingos. Quisera ainda tornar a Benafátima e contar suas aventuras. Mas chegado ao termo de Odemira sentiu uma tão grande vergonha de tornar assim pobre e sem uma mão que não conseguiu acabar o seu regresso. E que lhe dissera que apesar da idade e de todos os perigos que passara e de todo o mal que vira queria Domingos voltar para a Índia que terra mais bela não havia. E que se conseguisse enriqueceria de novo e então tornaria a Benafátima e construiria a igreja mais bela de todo o Portugal.

Vou agora falar-te de meu irmão, pois se não fosse ele não te estaria a contar os padecimentos porque passei para aqui chegar. Minha mãe morreu ao parir meu irmão no exacto dia das festas de Mãe Fátima, dizem que próximo de dois anos depois de eu ter nascido. Puseram-lhe o nome de Bertolameu, em honra do irmão Bertolameu. De tal modo se gostava do irmão Bertolameu, que este era o nome mais comum em Benafátima.

Contava-se que há muitos anos tinha aparecido pelas nossas paragens um frei a pregar. Trazia com ele apenas o hábito. Alimentava-se apenas da terra, que comia crua, e bebia água da nascente. O irmão Bertolameu pregava o amor entre nós e entre nós e os bichos da floresta. Ficou na memória do nosso povo como o homem mais bondoso que alguma vez pisou Benafátima. Dizia-se que com o seu olhar amansava os lobos, que as fuinhas lhe vinham comer à mão e que os gatos-bravos dormiam a seus pés. Que se ajoelhava e rezava a céu aberto em noites de tempestade, e que assim a consegui aplacar. Lembro-me que nos momentos de fome ou desgraça os mais velhos tinham por hábito lembrar o que o irmão Bertolameu havia feito em ocasião afim. Ou o que faria. O que faria eu se fosse Bertolameu? Como Bertolameu se prostrava, comia a terra e esperava a dádiva de Deus: Se for a morte ela que venha, doce e carinhosamente; eu a espero limpo da maldade e de coração aberto e feliz; nos momentos de tristeza deve-se olhar para as aves e para as flores; homens, deveis dar o primeiro bocado de pão de vossas casas a vossas mulheres, se for o último a vossos filhos. E contava-se que um dia passara a grande estrela com cauda e chamara o irmão Bertolameu e que ele levitara até ser tragado por Deus, que hoje deve estar a seu lado e a pedir por Benafátima. E desde que Bertolameu nos deixara que muitas das crianças de Benafátima eram baptizadas com o seu nome. Foi o que aconteceu com meu irmão.

Desde novo que minha irmão se encantava à vinda dos almocreves. Parece que o estou a ver de palmo e meio e ranhola a escorrer pela beíça, a correr manco – o meu irmão foi manco desde que começou a andar – para receber os almocreves. E ajudá-los a descer e a descarregar. E depois ficava a olhar maravilhado para as cousas novas que os almocreves traziam. E estes deixavam-no tocar nos novos pós e plantas, mirar-se nos espelhos, trincar um naco, afagar uma pele. E depois fazia perguntas: o que era isto, de onde vinha aquilo. Contai-me histórias dos países distantes. E os almocreves contavam histórias maravilhosas como se as tivessem vivido, mas que na verdade tinham ouvido a alguém.

De entre todos os almocreves, aquele que meu irmão Bertolameu mais gostava era Mafamede. Mafamede era o mais velho dos almocreves. Era tão velho que ninguém se lembrava de alguma vez ter existido Benafátima sem Mafamede. E este almocreve viajava sempre sozinho, ao contrário de todos os outros. Era um regalo vê-lo chegar, todo altivo, na sua mula. Era um homem magro, muito magro, longa barba que parecia nascer-lhe do fundo dos ossos. Mafamede pouco trazia para vender e pouco comprava. Contudo fazia o seu giro pelas nossas hortas e a todos dava sábios conselhos sobre como cuidar das nossas terras: enxertas aqui, regas mais ali, regas menos acolá, deixas essa em poisio, fazes ali uma

queimada. E dava-nos sementes novas que trazia de outras paragens em troca de outras nossas.

Mafamede pernoitava em casa de Vicente e Jerónima Brites, a mulher que tudo curava com as ervas e os espíritos da serra. E nas noites em que Mafamede pernoitava em Benafátima instalava-se um silêncio avassalador em toda a serra. Não se ouvia bicho nem rumorejar de árvores, como se algo de magnífico estivesse prestes a acontecer. Acho que ninguém conseguia dormir naquelas noites ausentes de ruído. Anos mais tarde, vim a saber que muitas vezes Mafamede escondia consigo cristão-novo ou cativo foragido que procurava os portos do Algarve para fugir para Marrocos. E todos os que em Benafátima sabiam da tramóia de Mafamede, e mais os que não queriam saber dela, se calavam em absoluto silêncio.

Mafamede tomava nos braços meu irmão Bertolameu e montava-o em cima da sua mula. E juntos vagueavam pelos marcos de Benafátima. Mafamede contava a meu irmão histórias de terras distantes. Contava-lhe, como os outros almoceves, sobre bichos e plantas maravilhosas, de muito mais espanto que aquelas estranhas aparições da nossa serra. E contava-lhe sobre outras gentes, algumas tão cristãs e tementes a Deus como nós próprios em Benafátima. Não era apenas a maldade dos antropófagos que todos os outros gostavam de narrar com reverência. Descrevia-lhe seres prodigiosos. Homens sem cabeça que tinham os olhos, as orelhas, e boca e o nariz no corpo: a boca era o umbigo, os olhos os mamilos, o nariz aqui na tampa do peito. E as orelhas que cresciam debaixo dos braços eram tão grandes que se dobravam para a frente e escondiam o rosto. E havia homens com duas cabeças e dois peitos, de tal modo que a parte de trás era igual à da frente. E etíopes vizinhos do prestes João que tinham quatro olhos que podiam abarcar tudo à sua volta. E pigmeus com seis braços, três de cada lado que faziam os mais inacreditáveis malabarismos. E homens com cabeça de cabra e outros com cabeça de lobo; e outros ainda com um longo pescoço e um bico de pato em vez do nariz; e gigantes de um só olho; e homens peludos como os bichos e com patas de cavalo; e grandes e fortes homens com tetas iguais às das mulheres; e mulheres belas com caudas de peixe; e homens com a boca na barriga; e outros com rabo de porco e penas em vez de cabelo. E pigmeus só com uma perna mais rápidos que gamos, e que moravam em terras com tal sol e o seu único pé era tão grande que quando o levantavam refrescavam-se com o resto do corpo à sombra.

E todas estas descrições escutava maravilhado meu irmão Bertolameu. E tu viste estes homens todos? perguntava a Mafamede. Mafamede respondia que não, só alguns deles que tinham trazido os marinheiros, cativos das naus que aportavam a Lisboa. De outros apenas

ouvira falar, mas ouvira-o a gente tão boa e sabedora que não tinha razões para duvidar da sua existência. E tu, Mafamede, não queres partir para essas terras e veres esses homens espantosos? Eu já sou muito velho e já vi que me bastasse. E meu irmão por uma vez lhe perguntou donde era. Donde és tu, Mafamede, que sabes que as pessoas dizem que vieste de muito longe, de uma terra cheia de perigos e encantos? Bertolameu contou-me que a essa pergunta Mafamede se calou por instantes e só depois lhe confirmou: É verdade, Bertolameu, venho de uma terra distante. Uma terra bela, tão bela que parece ser a mãe desta floresta que cerca Benafátima. Uma terra cheia de árvores generosas e onde tropeçamos na caça; uma terra em que as abelhas obram o mais doce mel que possas imaginar. Acredito que foi daquela terra que nasceram todas as outras florestas e mares e todas as cousas belas do mundo. E hoje essa floresta era habitada pelos mais fortes e bondosos de entre os homens. Tão bondosos que Deus os transformou em pedra para que conhecessem a eternidade. Mas eu quis-me furtar a essa eternidade e fugi. Fugi toda a minha vida até chegar aqui. E agora que te contei esta história, Bertolameu, cala-a e guarda-a para ti.

E meu irmão Bertolameu escutou esta descrição com mais atenção ainda que em todas as outras histórias. E depois respondeu que guardaria dela segredo e que um dia visitaria essa terra que era a terra mãe de todas as cousas belas do mundo. E queria Bertolameu cumprir esta sua palavra, e se eu conheço esta história foi só porque meu irmão me a confiou quando pressentia a morte em uma tempestade perto do cabo e não queria que a dita história se perdesse.

Desde cedo que meu irmão Bertolameu dizia que queria ser almocreve. Chegou a pedir que o levassem com eles. Mafamede prometeu-lhe que um dia faria dele o mais viajado dos almocreves de Portugal. Contudo, fez dele ajudante do Boticário Navarro.

Numa noite de Primavera, o almocreve Mafamede chegou com novo homem que trazia para Benafátima. O seu nome era Joaquim Navarro, cristão-novo que nascera em Évora filho de Samuel Navarro e neto de Isaac Mendez, boticário em Los Arcos. Tal como seu pai e avô era boticário, e foi-nos apresentado como sendo homem necessário nos tempos que corriam àquela terra que ainda não tinha esse mester. Todavia, nunca ninguém entendeu de tal necessidade, pois se Ana Brites, filha de Jerónima Brites, a todos tratava com cuidado e primor, qual a necessidade de um boticário? Inda para mais em tão pequena povoação. Mas o Navarro tinha autorização expressa de Dom Vasco, que desposara uma sua prima, e assentimento de Inofre. E trazia com ele moedas e valores nunca antes vistos em Benafátima,

que logo os vizinhos lhe construíram casa digna de um senhor fidalgo. Tanto trabalho que se teve de ir buscar pedra fina e homens para os lados de São Marcos. Nem a casa de Inofre ou a Igreja tinham tanta magnificência como a nova casa do Navarro.

O Navarro era um homem arrogante que andava sempre a lamentar-se do seu destino porque fora parar àquela terra desgraçada sita no fim do mundo. Não tinha um pingo de admiração e respeito por aquela serra misteriosa. O que era de estranhar em homem tão cheio de cuidados com as suas plantas, bem metidinhas nos seus frasquinhos. Tratava-nos como se fôssemos uns animais maltrapilhos e zombava de nós, que nem ler sabíamos. Quando se irritava gritava que vivia em Évora e que em Évora tinha conhecido os melhores de entre os grandes homens de seu tempo. Mas Inofre calava-o sempre quando lhe perguntava porque não tornava ele para Évora. Quando escutava essa pergunta, de que o prior parecia saber a resposta, o Navarro engolia a raiva, que lhe parecia ficar na espuma da boca, e murmurava qualquer coisa que parecia ser em língua estranha, talvez em latim. O prior fitava-o com olhos ameaçadores e o Navarro desaparecia. E o prior cada vez mais preocupado com a prevaricação religiosa a todos ia avisando, cada vez com mais insistência, da precisão de cada um dos vizinhos de Benafátima participar na limpeza da fé cristã de todas as heresias, com a denúncia, por mais leve que fosse a desconfiança, de qualquer suspeição. E poisava os olhos nas costas do Navarro para que todos percebessem a quem se referia.

Como já te disse, senhor, o meu irmão desde novo que foi feito criado do Navarro. E com o Navarro aprendeu a cuidar das plantas e a secá-las e a tratá-las. E em parte porque tinha este novo trabalho, os seus sonhos de um dia vir a ser almocreve foram-se desvanecendo. Não para serem substituídos pelos de se tornar um boticário, mas sim pelo de partir na carreira da Índia e descobrir todos aqueles locais de que ouvira falar e donde vinham todas aquelas novas plantas que chegavam desses locais distantes. Bertolameu queria ver a árvore da canela, da noz-moscada e da pimenta. E aquelas outras que vinham do outro lado como a do pimento e, sobretudo, o ananaseiro, de que o Navarro tinha um belo desenho e que Bertolameu não se cansava de admirar. E a árvore do coqueiro de que ouvira descrição a Mafamede, que até lhes trouxera um fruto. Um fruto que comeram os três – Mafamede, Navarro e Bertolameu – em segredo para não atihar falatório em Benafátima e provocar ainda mais a desconfiança de Inofre. E queria também ir à terra onde se dizia haver campos com flores iguais a uma que o boticário tinha na sua horta e que nascera a partir de uma semente trazida por Mafamede: uma vistosa flor amarela que se movia continuamente na direcção do sol.

E além de aprender a mexer e a tratar as plantas, meu irmão também aprendeu a ler, ou pelo menos os rudimentos da leitura. O Navarro lia muito. Cada vez que Mafamede chegava a Benafátima trazia agora livros para o Navarro, outra das novas daqueles tempos. O prior Inofre insistia sempre em vê-los antes, que livros havia que eram proibidos, por serem obras do diabo ou de perigosas heresias capazes de desviar os bons cristãos. E começou também o prior Inofre a comprar mais livros a Mafamede. Mas, coisa curiosa, os livros do Inofre não eram os mesmos que os do Navarro. Tanto o Navarro como Inofre tratavam os livros com grande carinho. Que eram muito caros e difíceis de fazer. Que eram coisa nova no mundo, como eram novas as histórias e as especiarias que os almocreves traziam. Mas, dizia muitas vezes o Navarro com ar desconfiado e desanimado, nem tudo o que aparece de novo neste tempo é coisa boa. E, dito isto, ficava amargurado.

Meu irmão Bertolameu aprendeu a ler. E em latim. O que até deixava o padre Inofre muito feliz, pois Bertolameu lia-lhe na Igreja o livro sagrado. E todos nos encantávamos com as suas leituras. Não que percebêssemos alguma coisa. Não o perceberíamos se o prior Inofre não as explicasse a seguir. Mas todos sabíamos que também o prior mal sabia o que queriam dizer aquelas palavras que Bertolameu tão bem lia. Penso que meu irmão as perceberia um pouco melhor, pelo menos a julgar no seu empolgação durante a leitura, que a todos causava espanto e admiração, e nos fazia despertar cousas belas que se escondiam na nossa alma.

Depois fui percebendo que Bertolameu começava a ler outros livros que Mafamede trazia para o Navarro. E fiquei em cuidados. Porque supunha que nem todos os livros que o Navarro recebia do almocreve passavam antes pelas mãos de Inofre. Alguns haveria que seriam entregues pela calada ao boticário, que Mafamede era useiro em contrabando de homens, quanto mais de cousas. E esses livros entregues pela calada bem que poderiam ser livros de hereges, da seita luterana ou ladrados de judeus. Ainda por cima, cada vez mais os almocreves falavam de autos de fé e de fogueiras em que eram queimados cristãos-novos, em alguns dos casos descobertos por possuírem ou terem lido obras hereges. E o Navarro era um cristão-novo que lia. E o Inofre parecia cada vez mais, e sobretudo desde que chegara com seu escravo Bastião, andar a vigiar constantemente o boticário. Por isso comecei a temer por meu irmão mais novo e começou a agradar-me a ideia de sairmos dali e tomarmos a carreira da Índia como meu irmão sonhava, e de que os almocreves contavam maravilhas. Até porque sentia uma ponta de inveja quando os mais velhos se referiam com admiração aos irmãos Francisco e Domingos que um dia haveriam de regressar a Benafátima pejados de grandes riquezas. Eu e Bertolameu poderíamos ser como esses dois irmãos. Só que nós voltaríamos

carregados de riquezas e construiríamos a igreja com que o Frei Vicente sonhara e levantaríamos para nós casas em Benafátima, ainda mais belas que as do Navarro. Mas então ainda sabia que me faltava a coragem para partir dali.

Aconteceu, porém, que um dia solarengo de Verão, pouco depois das festas do São João, deparei com o Navarro que lia no exterior da sua casa. Aproximei-me dele, mas o boticário estava tão embrenhado na sua leitura que não deu por mim. E assustou-me aquilo que vi: o Navarro lia seguindo com o dedo as letras. Mas lia o livro do fim para o princípio. E eu tinha uma vez escutado ao Padre Inofre que tal era pecado e se víssemos alguém a fazê-lo devíamos imediatamente dar fé do sucedido. Ainda para mais quando o boticário deu pela minha presença ganhou rubores e tremeliques. E aquela cor e estremeamento deram-me a certeza de que era grande o pecado a que eu tinha acabado de assistir.

Fugi do pé do boticário e entrei na serra, para lá dos marcos de Benafátima, para o meio da floresta onde havia lobos e gatos-bravos e porcos selvagens. Não queria ir logo falar com o Inofre, como sabia ser meu dever, pois temia por meu irmão Bertolameu. E no momento em que meditava no que haveria de fazer senti um odioso fedor a cobrum. E mirei-a ali mesmo no meio das pedras, a bicha peçonhenta, língua venenosa, olhar sedutor, toda enroladinha, mas que deveria ter de comprido mais do que cinco homens juntos. Nunca vira bicho daqueles ali, mas não tinha dúvida do que era. Ainda a fitei por uns segundos, ainda agarrei num ramo para a apanhar, mas depois tudo larguei e desatei a fugir.

Ah, que aquilo era mesmo um sinal do diabo que andava à solta pelo pé de Benafátima, o Inofre bem que tinha razão, pois se bicho daqueles não era daquelas paragens. E tomei o caminho de Inofre e espreitei para o prior que lia na nossa igreja. Ainda me detive para ter a certeza de que também ele não lia do fim para o princípio, de que também ele não estava já possuído. Não! Inofre lia do princípio para o fim.

Contei-lhe tudo o que vira. Inofre não pareceu surpreendido, parecia que já esperava que o Navarro fosse um herege. E também ele não tinha dúvidas: aquilo era pecado e tínhamos de redobrar cuidados, que estes cristãos-novos são manhosos e sorrateiros. E Bertolameu? Nem no meu irmão poderíamos confiar, que ele sabia ler e já poderia estar contaminado por alguns dos livros do boticário. Que havia muitos no mundo que usavam os escritos para afastar os homens da fé e fazerem o trabalho do diabo. Que eu calasse o que vira que ele comunicaria o que se passava ao primo em próxima viagem ou mandaria pronto uma mensagem pelos almocreves para que o bispo enviasse alguém a vir buscar esse cristão-novo. Para já convinha não dar fé ao Navarro do que sabíamos.

Arrependi-me do que contara ao Inofre logo nessa noite. Que o caso poderia nem ser assim tão grave e o meu irmão poderia ser levado para Silves e depois para Évora e sabe-se lá mais para onde. E no dia seguinte falei com o Bertolameu. Não lhe disse nada do que vira nem do que contara ao Inofre. Apenas que deveríamos partir sem mais delongas para conhecer esses mundos novos de que os almocreves tanto nos falavam. Não precisaríamos de dizer a ninguém daquela nossa ideia. Apenas quando fôssemos partir.

Ora aconteceu que no dia seguinte fomos visitados pelos almocreves que vinham de Silves e seguiam para o termo de Odemira. Assim, sem perder mais tempo, ali tínhamos a nossa jornada. Nem pensámos duas vezes e na madrugada seguinte viajámos com eles sem dar tempo ao Inofre para reagir àquela inesperada notícia.

Lembro como foi longa a viagem até Lisboa. Porque poderá parecer agora que Benafátima estava mesmo ali ao pé. E estaria. Mas a viagem era comprida e nela enfrentámos grandes perigos, quase tão grandes como aqueles que por estas terras passei. E não fossem as moedas que meu irmão Bertolameu recebera em segredo de seu amo, o boticário Navarro, não sei se alguma vez teríamos levado a bom termo aquela travessia. Com elas pagámos muitas vezes aos almocreves para viajar com eles. Outras vezes púnhamo-nos a marchar pela calada da noite e sempre atentos aos bandidos e assaltantes que se poderiam atravessar pelo caminho. Ainda parámos por algum tempo em Colos e em outras terras para ajudar ao trabalho nos campos, que havia grande falta de gentes, que dava dó de ver como a lavoura andava abandonada. Lembro que logo em Odemira ouvimos gente que se lamentava da falta de homens, partidos quase todos para ir defender Ceuta em Marrocos. E causava nesta terra, como em muitas outras, grande tristeza ver tanta viúva e tanto órfão. Ainda pensámos, eu e Bertolameu, partirmos antes para Sul e daí para Ceuta. Mas meu irmão ia fazendo perguntas por Odemira e notou-me que não havia por ali notícia de alguém de Ceuta ter trazido grande riqueza, mas apenas aventura, nem daquela ser terra de beleza cheia de florestas como nós queríamos. E, principalmente pela primeira razão, deixei-me convencer. Na verdade era a viagem para a Índia que nós queríamos fazer. Ainda no termo de Odemira procurámos saber notícia de Domingos, que nos tinha contado um almocreve que por ali o tinha visto. Mas ninguém parecia dar fé dum velho marinheiro de barba e cabelo branco com falta de uma mão. Outrossim levaram-nos à presença de um velho marinheiro com uma perna em madeira e que andara por muitos anos viajado na carreira da Índia. E este contou-nos outras maravilhas ainda mais espantosas que as dos almocreves: que estivera perto de terras tão quentes em que tudo ardia; que vira estranhas gentes e estranhos animais e estranhas plantas. Mas o que mais nos causou espanto foi a terra dos antípodas que tem o céu por baixo e não

por cima e em que os homens andam com os pés para cima e a cabeça para baixo, e que a chuva cai subindo e as árvores e as plantas crescem para baixo da terra, de modo que só é possível ver as raízes e é preciso escavar para colher os frutos. E que era verdade que muitos portugueses enriqueciam nessas terras, mas que também não tinham como trazer essa riqueza e que muita se perdia no caminho de volta, como com ele tinha acontecido que até sua perna perdera. E posto isto desatou num pranto e maledicência de senhores e clérigos e até de el-rei e de Deus e dos anjos, de tal modo que não me cabe a mim aqui dizer o que de sua boca escutei.

Chegámos a Lisboa já a invernã ia no fim e aproximava-se a largada da carreira. Meu irmão seguia feliz que estava pronto para partir para aqueles sítios de onde conhecia desenhos e ouvira as histórias contadas por Mafamede e outros almocreves. Mas a própria cidade de Lisboa nos deixou maravilhados de tão grande ajuntamento de gentes diferentes e de sua grande agitação. E eu também temeroso dos seus perigos que só me queria esconder e que ninguém para mim olhasse.

Logo meu irmão se deixou levar em grande conversa de uma negrinha pequenina da cor do Bastião, Brísida Pulga de seu nome. E dei conta que em Lisboa havia muitas negras da cor de Bastião. Mais ainda do que aquelas que tínhamos visto pelo Sado a trabalhar nos campos pantanosos das sezões. E eu com medo de perder meu irmão naquela cidade sem fim fui atrás deles. E a escrava negra levou-nos para umas ruas estreitas e íngremes que se dobravam sobre si mesmas de tal maneira que pronto perdemos o nascente e o poente. E demos por nós rodeados de negras e negros e demais gente de baixa condição numa grande taberna. E enquanto meu irmão se encostava com a negra Brísida Pulga, outros homens me revolviam o taleigo e nos levavam as últimas moedas e pediam vinho para todos nós. Era vinho que já azedara, contudo era vinho melhor do que aquele que beberíamos depois de embarcados para a Índia.

E quando já na madrugada seguinte estava possuído de torpor e meu irmão acudido de seus desejos, demos com homem tão bem falante que mais parecia fidalgo e espantava o que fazia ali com gente daquela condição. Era um homem velho e quase cego. De um olho percebia-se que nada via, pois estava vazado. O outro estava fundo e esbranquiçado, e sempre lacrimejando. E muito nos falou aquele homem depois de saber que queríamos partir para a Índia.

Disse-nos que também ele por aqueles lados tinha andado. E do que se dizia de se trazer de lá grande riqueza não era isso verdade. Que a terra era bela, isso era. Que tinha belas mulheres e doces frutos. Mas que também se padecia de muitos males e de saudades da nossa terra. E que na viagem de ida morriam sempre muitas gentes. Que o mar era tenebroso e as tempestades medonhas. Que os nevoeiros apareciam e engoliam as naus que não se sabia para onde elas iam. Que os pilotos não sabiam ler as cartas e encalhavam em baixios de areia quando não em rocha. E que Deus mandava grandes pestes de que todos padeciam. Que em muitas dessas viagens morriam mais de metade dos que partiam. E que à volta ainda era pior, pois as naves vinham mui carregadas e mal cuidadas. Maldizia ele o seu destino de ter partido e viajado pelas índias e voltar vivo. Que muito sofrera, muitos amigos perdera, e o seu amor também, para agora estar ali cheio de desgosto, a aguardar a morte no meio de toda aquela miséria, que o nosso povo também assim ia morrendo aos poucos, esquecido dos grandes feitos de outrora. Que se quiséssemos partir que partíssemos, mas que tomássemos conhecimento de toda a miséria porque iríamos passar.

Eu calei-me. Naquele momento quis voltar para a minha Benafátima. Aquela não era a minha terra. Tinha medo de todos os perigos que nos esperavam. Mas meu irmão respondeu ao velho. Que iríamos mesmo sabendo desses perigos todos. Que morrêssemos pelo caminho se essa fosse a vontade de Deus, mas que não ficaríamos para ali ir morrendo aos poucos sem ver as cousas maravilhosas do mundo.

O velho sorriu. Que meu irmão tinha razão, que a vida é padecimento na Índia ou em Lisboa. E deu-nos parte de uma tença que recebia de el-rei, porque havia cantado grandes feitos deste povo. E que fizéssemos essa grande e perigosa viagem lembrando-nos dos grandiosos homens que a tinham feito antes de nós e de todos os que nela morreram. Que fora ele mais moço e também tornaria a essas terras, se bem soubesse tudo o que nelas padeceu e viu padecer, e que recuperaria a sua voz e a sua pena para as cantar. E que se quiséssemos partir, nada mais fácil do que ficar por aqueles lados a mendigar. E que não fugíssemos quando viessem os soldados de el-rei. É que se dizia maravilhas das Índias, de como nelas se enriquecia tão facilmente, mas faltava quem quisesse para elas partir. E os marinheiros eram tão poucos que se procuravam os mendigos e se abriam as prisões antes dos barcos zarparem.

Por isso permanecemos aqueles últimos dias em Lisboa com o velho zarolho. Bebendo o vinho azedo das tabernas, mendigando junto das igrejas, dormindo chegados às escravas negras de Lisboa. Até que como previsto pelo fidalgo caído em desgraça vieram os soldados de el-rei e nos quiseram levar à força. Queríamos-nos deixar ir sem resistências, mas

no fim foi preciso insistir para que levassem também meu irmão Bertolameu, que ele tudo fazia apesar de ser manco. E partimos como marinheiros de Portugal.

Os avisos do fidalgo eram verdadeiros. A viagem foi penosa e nela muitos padeceram. No início foram os vômitos e as arrelias. Duas semanas depois foi a nau tomada de uma peste que dava altas febres como se de sezões se tratasse. E mais de metade da gente que ia no barco foi tomada dessa febre. E entre os primeiros a desfalecer estavam os três missionários encarregues do serviço religioso. E assim ficaram os moribundos sem ninguém a quem se confessar, o que muito dano causou. E como se tal mal não bastasse quando nos afastámos de terra uma violenta tempestade se abateu sobre nós durante três dias, que perdemos vizinhança com as outras naus, o que a todos atemorizou. Mas, quando no meio da tempestade e quando os homens começaram a temer por suas vidas e a apregoar ao próximo, mesmo que não clérigo, a sua confissão, de molde que todos ficámos a saber a vida uns dos outros e as maldade mais cruéis que toda aquela gente tinha feito, meu irmão gritava *Propter me exorta este hec tempestas, proiicite me in more*. E com este seu grito muito acalmou os homens que viram nele um representante da Santa Madre Igreja. E daí em diante todos os enfermos se vinham ao meu irmão confessar e pedir para lhes fazer as curas que o físico tinha sido cuspidado ao mar no meio da tempestade. E era meu irmão quem fazia as sangradas e purgas e clisteres que o barbeiro também ele tinha morrido da primeira peste. E toda a gente que continuava a viver dizia que meu irmão era um homem santo e por isso sempre que alguém conseguia fazer fogo e cozinhava um alimento a ele davam o primeiro bocado para que abençoasse aquela refeição. E mais lhe entregaram o hábito de um monge que morrera uma semana depois de termos partido.

Depois daquela tempestade veio a fome que o biscoito, que era mascavado, estava a chegar ao fim, e as galinhas e os coelhos que leváramos tinham todos morrido, e o bacalhau corrupto comiam-no cru. E além disso não havia água nem se conseguia pescar peixe que para todos nós servisse. Para mais estávamos todos perdidos que nunca mais voltáramos a ver os outros navios da armada, nem terra, e o capitão e o piloto pareciam não estar a acertar com a rota. Aquela fome foi tanta que se começaram a caçar os ratos e a cozinhá-los, e alguns chegaram mesmo a beber a própria urina e a comer as baratas que naquela nau eram tantas e de tal tamanho que eram fáceis de apanhar. Depois vim a saber por meu irmão que o piloto tinha comido a própria carta de marear. Pensei que estaríamos todos perdidos, pois o capitão era a primeira vez que fazia aquela viagem. E comecei a rezar cada vez mais e com vontade

de me atirar ao mar e nadar até ver terra. Mas meu irmão acalmou-me e disse-me que haveríamos de chegar ao fim daquela viagem e depois continuaríamos até descobrir as terras de que Mafamede lhe tinha falado, que eram as mais belas que se podia imaginar e governadas por homens de pedra. Foi quando fez comigo a conversa que Mafamede lhe tinha pedido para calar.

Então o capitão decidiu que se deveria tornar para nascente e procurar terra, se bem que alguns marinheiros dissessem que o melhor era seguir para poente e procurar terras de Vera Cruz que já se devia estar mais perto dessas do que de quaisquer outras. Mas os primeiros apontavam para nascente e afirmavam ver terra. Os outros diziam que aquilo não era terra, mas sim nuvens vistas ao longe, e que o capitão e o piloto nada sabiam de navegação. O certo é que o piloto, que era o mais experimentado de todos, apontou para nascente. Eu próprio recebi ordem de ficar na agulha e de lá não sair nunca.

Foi quando, sem que nada o fizesse prever, rebentou outra tormenta. Caía água dos céus que dilúvio tal nunca mais voltei a ver. E fundia-se essa água com aquelas ondas enormes que a nós nada mais nos restava do que deixar-nos ir e rezar. E todos rezávamos muito alto, que queríamos conseguir ouvir as nossas preces no meio daquela tempestade medonha. E todos pediam bênção a meu irmão, que nesses momentos apenas falava em latim e rezava com todos nós.

Por fim acalmaram-se os céus e o mar. E vimos terra a poente. Soubemos então que tínhamos passado o cabo. Não restava mais que a terça parte dos que tinham partido. E logo os homens se esqueceram das confissões e das orações e houve grande tumulto entre todos que até tentaram matar o capitão. E a causa de tudo isso eram as mulheres: duas cristãs-novas que vinham muito bem escondidas e uma outra que andava mascarada de homem. Só se deu por elas aquando daquela segunda tormenta do cabo. E, uma vez este dobrado, queria o capitão abandoná-las na primeira paragem, contra o que estavam muitos homens. Mais uma vez foi meu irmão que a todos acalmou. E que ficou combinado que ele mesmo guardaria as mulheres para que se preservasse a moral. E que uma vez chegados a Goa as entregaria ao Santo ofício para que as julgasse convenientemente.

Foi mais calma esta parte da viagem. Passámos o canal de Moçambique onde aportámos e abastecemos de água e outros víveres. Fomos informados que apenas levávamos uma semana de atraso em relação ao resto da armada. Por isso o capitão quis partir quanto antes. Mas depois tivemos que parar outra vez em Mombaça, onde se nos ofereceu um piloto turco, ao qual agradecemos pois por essa altura o nosso estava atacado de febres e sangrava da boca que tinha em carne viva e antes quase nos tinha lançado contra uns baixios de areia,

que não passámos afastados deles mais do que uma légua. Embora muitos homens tivessem ficado desconfiados do turco, o certo é que ele nos levou direito até Goa, sem sobressaltos e sem nos entregar na rota dos piratas que se dizia abundarem por aqueles mares e que buscavam cristãos para deles fazer escravos.

Mal chegámos a Goa perdi o rasto a meu irmão. Desembarcara com as três mulheres e, ao que parece, fugira com elas para não as entregar a quem de direito. E eu achei também melhor desaparecer: para ir procurar meu irmão e para não me acusarem de ser cúmplice. Assim fiz: imiscui-me naquelas ruelas e naquelas gentes. Que todos reparavam em mim era verdade, mas tinha por certo que ninguém me entregaria.

Em todo o lado procurei saber de meu irmão. Ninguém o conhecia, ninguém me poderia ajudar. Até que me levaram para o campo a um homem que diziam ser adivinho e tudo descobrir. Era um velho índio de grande turbante branco. Quando lhe vi o crucifixo ao peito fiquei tranquilo com a sua fé. Este homem lia o mundo na areia. Primeiro perguntou-me, com a ajuda de um criado que falava a minha linguagem, quem era eu e o que procurava. Depois pediu-me para lançar um punhado de areia sobre a sua mesa de bambu. Olhou para o efeito e informou-me: o teu irmão seguiu para Norte, em direcção à floresta dos homens de pedra. Contudo, não chegará lá vivo nem tu o encontrarás nunca.

Mas eu não quis acreditar naquele homem e tomei o caminho do Norte, onde me diziam haver florestas governadas por homens de pedra. E onde ia chegando ia perguntando por um frei de Portugal que fosse manco. E nalguns sítios diziam-me que não o tinham visto, noutros que sim, que tinha seguido para Norte ou para nascente, ou tornado a Goa. E nas portas de uma grande cidade vi uma mulher que se oferecia e me pareceu Sebastiana, a mulher que no barco andara disfarçada de marinheiro Sebastião. Fui falar-lhe, mas ela não compreendia, ou fingia não compreender, a minha linguagem. Bati-lhe para a forçar a falar. Quase a matava de tanto lhe bater. De tal modo que outros homens vieram e me quiseram fazer dano. Mas depois viram-me a chorar e deixaram-me. Nessa cidade levaram-me a outro homem que diziam ser santo e que era manco e português e cristão e que poderia ser meu irmão. Levaram-me à encosta de uma montanha muito escarpada. Esse homem vivia numa gruta. Tinha um hábito de frade todo coçado, mas não era o meu irmão Bertolameu. Sentei-me com ele. Fiz-lhe perguntas, mas o homem não me respondeu. Fiquei com ele durante dois dias, jejuando os dois, mas o frade nunca me falava. Depois abriu a boca e pude ver a sua língua corta. E vi-o comer a terra da montanha e alimentar-se dos vermes que cresciam nas suas feridas.

Continuei a caminhada para Norte. Passei por terras mui formosas e vi criaturas mui estranhas: enormes lagartos de pele dura que vivem juntos de rios, caravanas de animais gigantes a que chamamos elefantes e que eu ouvira falar como sendo selvagens, ágeis veados de carne suculenta, e até um unicórnio que saltava em liberdade num pântano traiçoeiro. Vi homens que adoram estranhos deuses com cabeça e partes de animais. Vi grandes construções, quase tão altas como a torre de Babel. Vi grandes cidades, com muito mais gentes do que Lisboa ou Goa. Vi lindas mulheres com olhos radiantes e brilhantes no nariz. Atravessei grandes montanhas de terra tão estéril que tive de comer arbustos espinhosos. Suportei o frio das neves no cimo das mais altas serras. Atravessei as mais perigosas das lamas e fugi aos mais ferozes dos animais. E em muitos sítios ia encontrando ou tendo notícias de outros portugueses. Uns que viviam faustosamente, outros que mendigavam na mais pobre das terras. Uns que se haviam transformado em senhores e tinham mulheres e terras e criados e palácios; outros que eram escravos tratados de maneira mais vil que aquela que eu vi Inofre tratar a Bastião.

Por tudo isto passei sem ver meu irmão. Tudo isto eu vi com o meu coração triste e com saudades da minha Benafátima, senhor. Tantas vezes que pensei no que teria acontecido ao Navarro e a Inofre, se Mafamede ainda seria vivo, se Ana Brites continuaria esguia e formosa, se ainda se matariam as cabras no São João, que se venderia agora na feira de Silves? Ah, que sempre fui pensando que poderia encontrar o meu irmão, que o mundo não seria assim tão grande para ele se ter perdido. Que o encontraria e que voltaríamos os dois para a nossa Benafátima. Mas não dei porque também eu ia ficando velho.

E agora aqui estou finalmente diante de ti, senhor, sem mais forças que para me confessar e morrer, sem conseguir tornar e sem reencontrar meu irmão e minha terra. Por isso te pergunto, senhor de pedra de tão afectuoso sorriso, senhor desta bela floresta, se alguma vez meu irmão aqui chegou. E se me acolhes nesta floresta e me dás a tua bênção, para que nela eu descanse em paz para sempre.